Continue

Poemas de liberdade

– Liberdade, que estais no céu... Rezava o padre-nosso que sabia, A pedir-te, humildemente, O pio de cada dia. Mas a tua bondade omnipotente Nem me ouvia. – Liberdade, que estais na terra... E a minha voz crescia De emoção. Mas um silêncio triste sepultava A fé que ressumava Da oração. Até que um dia, corajosamente, Olhei noutro sentido, e pude, deslumbrado, Saborear, enfim, O pão da minha fome. – Liberdade, que estais em mim, Santificado seja o vosso nome.Page 2 Nasceu em Angola, estudou Sociologia em Argel, foi guerrilheiro do MPLA, político, ganhou o Prémio Camões entre outras distinções. O Portal da Literatura entrevista-o novamente, tendo agora como pano de fundo o seu livro O Tímido e as Mulheres. Quem lê o romance O Tímido e as Mulheres diverte-se com a ficção criada inteligentemente pelo autor, mas ao mesmo tempo alarma-se com as relações sociais e de poder que caracterizam a actual sociedade angolana, e talvez com o rumo do mundo. Que pressuposto o fez começar a escrever este livro, Pepetela? É evidente para todos que o Mundo não está muito propenso para os optimistas, no quadro dos quais me inscrevia. Mas não era minha intenção, ao escrever esse livro, entrar por aí. O problema é que a realidade se impõe, mesmo se de uma forma subconsciente. Eu queria contar apenas uma estória que nasce com uma canção de juventude, argentina,"Quando calienta el sol", que me aparecia quando acordava. Dias seguidos. Era uma premonição. Da canção, que costumava ouvir na rádio numa certa época (há muitos anos), surgiu uma personagem, uma locutora. E os personagens que se ligavam a ela, por necessidade de inventar relações e alguma acção. Umas coisas puxaram as outras e, pela primeira vez, pus em lugar de destaque um escritor. Bem, essas são as fases da escrita, que se foi desenrolando. Foi fácil e até divertido escrever esse livro. Quando o silêncio finalmente se instalou, ficaram quietos, ela de olhos fechados, ele observando o umbigo, os seios, as coxas, o monte de Vénus. E se mortificava perante o medo. Que faço? Se avançar para uma carícia, ela pode se zangar. Se não avançar, ela vai pensar que sou um merdas, talvez até gay. A mão esquerda de Marisa estava muito perto da sua direita. Dez, vinte centímetros. Bastaria tocar na dela, como por acaso. Logo se veria a reação. Mas ele não era capaz. O leitor vai sorrindo à medida que vai folheando o seu livro. Por onde andou o Pepetela a cavar estas personagens? São personagens fictícias ou há resquícios retirados de angolanos de carne e osso? São personagens fictícias, embora nem todas sejam totalmente inventadas, podendo ter um tique de alguém que conhecemos ou observámos nalgum momento da nossa vida. Muitas vezes são coisas que ficam na memória e nem o sabemos. Surgem depois na escrita. Penso que é muito comum, mesmo nos escritores que dizem que têm tudo pensado antes de começarem a escrever um livro. Eu sou o contrário em absoluto. Deixo o rio levar-me e as personagens surpreenderem-me. A personagem Marisa acabou por sofrer um incontornável desvio em relação às expectativas do leitor. Balançamos numa dúvida: a de saber se o autor se "divertiu" à priori sabendo que iria surpreender o leitor, ou se, pelo contrário, quis alertar para o facto de uma vez lançada a porcaria sobre alguém, nada removerá a dúvida dos espíritos mesquinhos? As personagens mais interessantes são as que não são totalmente previsíveis. Claro que gosto de provocar os leitores, por vezes pelo humor, outras vezes de forma mais "séria". Daí achar normal que algum personagem se solte e me pisque o olho. Fico contente. Mas nem sempre o deixo fazer tudo o que quer. Em algum momento entra em jogo o consciente, a razão, o que queiram chamar, e que nada é mais que o superego de Freud ou a autocensura de outros. A sociedade com suas normas acaba por se impor, de alguma maneira. Se isso surpreender de novo o leitor, ainda bem. Obriga-o a pensar, o que não é um trabalho inútil. O Pepetela diz que se deixa arrastar e até surpreender pelo rio. Os cursos de água são imprevisíveis, pergunto-lhe por isso se houve algum fenómeno estranho durante a criação dos seus livros. O Pepetela escreve todos os dias, ou olha para o rio apenas quando sente necessidade? São várias perguntas. À primeira, se houve algum fenómeno estranho durante a criação dos meus livros, responderei que sim. Quando escrevia o "Lueji" muito de mau acontecia na minha vida pessoal, desde doenças a avarias de máquinas, como se um mau espírito que tenha desenterrado na antiga Lunda tentasse impedir a progressão do livro. Até que fiz um feitiço literário, integrei o espírito na estória e tudo se compôs. Quanto à outra questão, escrevo todos os dias menos domingo (a praia é sagrada) quando estou em fase de escrita. Mas fico muitos meses sem estar em fase de escrita, sem um livro na cabeça, sem esse mundo paralelo portanto. Angola é, em grande medida, a matéria-prima da sua inspiração. Suponho que o meio intelectual angolano, em geral, e literário, em particular, seja estimulante para a sua criação. Gostaria que nos falasse desse meio e dos autores angolanos. Já participei mais do que hoje na discussão cultural angolana, por razões de mobilidade, umas ligadas à cidade de Luanda, outras a condicionalismos físicos, sobretudo da coluna. A ponto de já não acompanhar muitos dos escritores angolanos, particularmente os mais novos. De qualquer modo, é um meio que existe, com a União dos Escritores Angolanos como centro principal e aos poucos a retomar a importância que já teve no passado. E vão surgindo novos valores, os quais infelizmente não têm meios de se fazerem conhecer no estrangeiro. Essa é uma limitação, contra a qual eu próprio pouco posso fazer. Quando é possível, lá dou um empurrãozito, mas sem grandes consequências. No O Tímido e as Mulheres há personagens para todos os gostos: uma locutora sensual, um escritor em início de carreira, um intelectual numa cadeira de rodas, uma estudante universitária e um irmão delinquente, e até mesmo corruptos nalgumas esquinas. Salta muito à vista a figura dos novo-ricos, figura típica em sociedades de rápido desenvolvimento. Não se surpreende com as alterações comportamentais e sociais de Angola (e de muitas outras partes do mundo), de há dez anos a esta parte? Como é que um autor com um Prémio Camões lida com estas transformações? Não me surpreenderam estas alterações, já muito presentes num livro de 1992, "A Geração da Utopia" e até podia ir mais longe, ao "O Cão e os Caluandas" de 1985, onde se desenhavam os primeiros esquemas. São tipos próprios de sociedades em mutação, com economias frágeis mas dinâmicas, e enormes diferenciações sociais. Numa fase que Marx definiu como "acumulação primitiva de capital" quando analisou o capitalismo na Europa. Se depois do fim da guerra civil (em 2002) o processo acelerou, ele vinha no entanto de muito antes, como vários escritores tinham anunciado através das obras, não só eu. Destaco por exemplo Manuel Rui Monteiro, com o seu "Quem me dera ser onda". Um autor (com Prémios ou sem eles) só pode lidar com essas situações de uma maneira: analisando os fenómenos como um sociólogo, mas sem cair na armadilha dos esquematismos, pois os personagens devem ter sangue e osso, como as pessoas; descrevendo com emoção o que vai imaginando baseado na realidade; deixando os personagens correr o seu caminho, mesmo se alguns acabam partindo a cabeça e/ou nos surpreendendo. Acabou de falar em Manuel Rui Monteiro, mas conhece certamente obras de outros autores angolanos. Quer mencionar algumas? Algumas obras, embora importantes, são pouco conhecidas fora de Angola. Gostaria de nomear "O Ano do Cão" de Roderick Nehone, "Os Transparentes" de Ondjaki, Os livros de João Tala ou Luís Fernando ("Clandestinos no Paraíso", por exemplo), para além dos mais antigos e hoje considerados "clássicos". Há outros escritores desta nova geração que referi, os quais têm dificuldade em editar, mesmo em Angola, revelando no entanto muitas qualidades, imaginação, poder narrativo. Também há mais jovens com essa potencialidade, embora choquem com algum menor domínio do Português escrito, derivado do mau ensino da língua nas nossas escolas, o que é uma barreira enorme. Na entrevista que lhe fizemos há uns anos atrás disse-nos que gostava bastante da obra de Philip Roth. Passaram alguns anos, os visitantes do Portal da Literatura gostarão de saber certamente que obras tem lido ultimamente. É difícil sequer lembrar tudo, mas continuo a gostar dos mesmos. Tenho ultimamente lido bastantes policiais nórdicos, mas estou a abrandar. Vou descobrindo alguns autores africanos pouco conhecidos por estas bandas e sempre me interessando pelos latino-americanos (brasileiros incluídos). Começa a conhecer-se mais no Ocidente a literatura japonesa e chinesa, que têm obras absolutamente fenomenais. Começo a ter dificuldade em reter alguns títulos e seria muito complicado procurá-los na minha biblioteca... A pergunta que se faz habitualmente: o que está a escrever neste momento? Nada de ficção, por enquanto. Uma ou outra crónica, uma ou outra entrevista, como esta. Mas ainda não tive uma primeira frase arrebatadora. Vai acontecer um dia, não tem maka... Somos nós que inventamos o tempo, devemos saber degustá-lo sem angústias. Muito obrigado Pepetela por mais esta entrevista. Page 3 A necessidade de arrumar 2006-07-18 Estando Penafiel a homenagear Mário Cláudio, nada como relembrar a entrevista que deu ao Portal da Literatura em 2006... Entrevista a Mário Cláudio no âmbito do seu romance Camilo Broca. Mário Cláudio e o seu "Camilo Broca" em entrevista ao Portal da Literatura - um romance onde toda a excentricidade, toda a loucura dos seus personagens é fruto do autor ou daquilo que o mesmo gostaria de ser.O Mário Cláudio é autor de uma obra multifacetada que abarca a ficção, a poesia, a dramaturgia e o ensaio. De todas elas qual é que gosta mais?Todas elas me inspiram uma simpatia de fundo, e uma irritação eventual. No momento em que as escrevo parecem-me sempre definitivas, posto que só definitivas para mim, mas ao relê-las, julgo-as frequentemente ultrapassadas por aquilo que entretanto vivi. Não sou, nem nunca serei, um autor instalado na sua obra. Às vezes apetece-me fugir dela, mas de quando em quando regresso a uma espécie de fidelidade do artífice ao trabalho que produziu. Não, não tenho títulos preferidos.Para que é que serve um romance, Mário Cláudio?Para satisfazer a necessidade de arrumar, mediante o uso de palavras, o Mundo que calhou ao seu autor, e também para partilhar essa necessidade com aqueles que, achando-se na mesma onda de frequência, a possam igualmente experimentar.Como é que surge o título «Camilo Broca»?Surge de uma alcunha aplicada à família de Camilo Castelo Branco, entidade que aparece no romance como hipótese de personagem, mas não personagem efectiva, e muito menos como protagonista.A descrição que faz das personagens que cria, como o Manuel Joaquim, a Rita Emília, o Domingos, para não falar do próprio Camilo, é muito rica em pormenores físicos e comportamentais. De uma forma geral eles são excêntricos. Como é que cria estas personagens?São as personagens que trabalham um autor, e não este que as define e declina. Toda essa excentricidade, toda essa loucura, é muito mais minha, ou do homem que eu gostaria de ser, do que de qualquer figura histórica que eu pudesse aproveitar como modelo. De facto, vivos ou mortos, reais ou imaginários, os interventores em qualquer história são sempre, e exclusivamente, os que existem dentro de nós.Numa entrevista, falando de Camilo Castelo Branco, disse que adora escritores irregulares, que não há nada que o irrite mais do que a regularidade de um escritor. Considera-se um autor irregular, insusceptível de ser oficializado? Considero-me irregular, se bem que não seja isso o que assegura a grandeza. O que a exclui é de facto a banalidade, ou a neutralidade, essa trágica condição de certos artistas de quem nunca alguém diz mal, mas de quem nunca alguém diz muito bem. Quanto aos autores oficiais há necessariamente bom e mau. Que seria dos grandes clássicos, se assim não fosse?Que análise faz dos últimos dez anos da literatura em Portugal? Há algum facto que queira destacar?Há propostas muito interessantes, e também uma insuportável repetição de fórmulas. Acho que cada vez menos me deparo com escritores pertencentes à minha família, mas sei que eles estão aí, acontecendo apenas serem muitíssimo jovens. Por enquanto há três ou quatro autores mais recentes que admiro muito, mas de que gosto pouco.Uma pergunta que certamente interessa aos seus leitores. Que livro vem a seguir?Outro romance.Page 4 Em casa vivíamos sem palavras e as coisas que eu tinha dentro faziam-me medo porque não sabia se eram minhas... Mercè Rodoreda (1908-1983) admirava Katherine Mansfield, Virginia Woolf, Marcel Proust e James Joyce, e isso é flagrante tanto no estilo modernista da escrita, como no uso de certos leitmotives e na urdidura da vida interior das personagens. A minha mãe nunca me falara nos homens. Ela e o meu pai tinham passado inúmeros anos a discutir e muitos anos sem dizerem nada um ao outro. Passavam as tardes de domingo sentados na sala de jantar sem se falarem. Quando a minha mãe morreu, este viver sem palavras ainda se acentuou mais. E quando ao fim de alguns anos o meu pai voltou a casar, não havia, em minha casa, nada a que eu pudesse agarrar-me. Vivia como deve viver um gato: de um lado para o outro, com a cauda baixa, com a cauda levantada, agora são horas de ter fome, agora são horas de ter sono, com a diferença de que um gato não tem de trabalhar para viver. "A Praça do Diamante" é um livro complexo e profundo de uma autora paradoxal que me suscitou várias dúvidas. Devemos levar as declarações de um escritor à letra ou ignorá-las interpretando uma obra a nosso bel-prazer? Vale mais o percurso ou o discurso de um escritor? Quando devemos parar de ler nas entrelinhas de um texto só para satisfazer a nossa tese? Apesar de ser considerada protofeminista por alguns, Mercè Rodoreda deixou a sua posição bem clara: "Acho que o feminismo é como o sarampo. Na época das sufragistas tinha um sentido, mas na época atual, onde todos fazem o que quiserem, acho que o feminismo não tem sentido." E, no entanto, há tanto na sua vida e na leitura de "A Praça do Diamante" que contradiz este seu comentário. Com apenas 20 anos, Mercè casou com o seu tio, de quem teve um filho, tendo pouco depois retomado os estudos e começado a escrever com o intuito de se tornar autossuficiente. Em 1939, dois anos depois de se ter separado do marido, com a derrota dos republicanos, para os quais trabalhara como revisora de catalão, optou pelo exílio até 1972, tendo deixado o filho aos cuidados da avó. Se se torna difícil ignorar a problemática do casamento e da maternidade na biografia desta mulher independente e determinada, não há como contornar a forma como estas duas instituições são postas em causa em "A Praça do Diamante". Desde o primeiro encontro, quando Quimet decide unilateralmente que a protagonista será sua mulher, passando por cada interacção no namoro e atitude na vida de recém-casados, tudo aponta para a submissão de Natalia... Disse-me que se queria ser sua mulher tinha de começar a achar bem tudo o que ele achasse bem. Fez-me um grande sermão sobre o homem e a mulher e os direitos de um e do outro e quando consegui interrompê-lo perguntei-lhe: - E se não gostar mesmo nada de uma coisa? - Tens de gostar, porque tu não percebes. ...que culmina na anulação da sua identidade ao passar a chamar-lhe Pombinha, pois Quimet desenvolve uma obsessão tal com estas aves que acaba por transformar o apartamento do casal num autêntico pombal onde, a dada altura, vivem 80 pombos. Visto que o dinheiro que o marido ganha como marceneiro e com o eventual negócio dos pombos não é o suficiente para o sustento do casal e dos seus dois filhos, Natalia vê-se obrigada a fazer limpezas por fora, até que o marido se junta aos milicianos durante a guerra civil espanhola e a situação se torna dramática. Seria neste ponto da narrativa que teria de concordar com o desprezo de Rodoreda pelo feminismo. Natalia é uma personagem totalmente passiva, a quem a vontade alheia é imposta sem que ela lhe ofereça muita resistência, que anda à mercê dos homens; o primeiro que é a sua perdição e o segundo que é a sua salvação. Há, porém, alguma rebeldia fatalista nesta mulher que, acossada pela força das circunstâncias, tende a agir como um anjo da morte, tanto em relação aos pombos como aos próprios filhos. Essa pulsão de morte acompanha a protagonista até ao final no que parece ser uma espiral de loucura, na qual ela entra e sai em passagens de cortar a respiração. Virei-me de costas para a porta e descansei e havia muita escuridão dentro de mim. E virei-me outra vez de frente para a porta e com letras de imprensa escrevi Pombinha bem gravado e, sem saber como, comecei a andar e eram as paredes que me conduziam e não os passos e entrei na Praça de Diamante. [...] E com os braços a tapar a cara para evitar não sei bem o quê, soltei um grito infernal. Um grito que devia haver muitos anos que trazia dentro de mim e com aquele grito, tão comprido que lhe tinha custado a passar-me pela garganta, saiu-me da boca um bocadinho de coisa, quase nada, que parecia uma bola de saliva... e aquele bocadinho de coisa, quase nada, que tinha vivido tanto tempo fechado dentro de mim, era a minha mocidade que fugia com um grito que não sabia muito bem o que significava... desamparo? A Praça do Diamante, de Mercè Rodoreda, Dom Quixote, Fevereiro de 2025, tradução de Mercedes Balsemão Mais críticas literárias Voltar Page 5 Desejaria escrever esta página com as minhas lágrimas. Nunca nenhuma africana negra recebeu o Prémio Nobel da Literatura, e creio que Scholastique Mukasonga o merece, como magnífica memorialista que é, como sobrevivente de um povo perseguido e massacrado durante décadas, até mesmo por justiça poética, como homenagem ao milhão de tútsis chacinados pelos seus concidadãos hútus durante 100 dias, em 1994. Em parte, esta é a mesma história que já tinha lido em "The Barefoot Woman", dedicado a Stefania, a sua mãe, mas a verdade é que o massacre do Ruanda é o alicerce de toda a produção literária de Mukasonga, porque está intrinsecamente ligado à sua vida e à sua psique, à sua culpa de sobrevivente. Eu contava e voltava a contar. Dava um total de 37. É em honra desses 37 membros da sua família, pais, irmãos, irmãs, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhos-netos, que a autora erigiu este "túmulo de papel", na falta de muitas campas individuais e identificadas, visto que milhares de corpos foram enterrados em valas comuns, enquanto outros ficaram à mercê dos elementos e dos animais selvagens ou foram atirados aos rios. Quem, na altura, viu as imagens dos rios tingidos de sangue com cadáveres estropiados a boiar nunca poderá esquecer. Houve, é claro, sobreviventes. Nenhum genocídio é perfeito. Mukasonga abre "Inyenzi ou as Baratas" com um pesadelo recorrente e inicia a narrativa dos acontecimentos de forma cronológica, em 1959, com os primeiros pogroms dirigidos aos tútsis, quando tinha apenas três anos de idade, altura em que a família teve de abandonar a sua aldeia com uma panela de ferro fundido como única bagagem, para se exilar em Nyamata, uma zona de savana quase desabitada, infestada de moscas tsé-tsé. Em 1962, o Ruanda tornou-se uma nação independente depois de décadas a ser administrado por potências europeias, tornando-se um símbolo dos efeitos de um colonialismo salobro e de um pós-colonialismo irresponsável, em que a Igreja Católica desempenhou um papel pernicioso, instigando umas etnias contra as outras, e a ONU, mais uma vez, não deu uma resposta atempada nem eficiente. Bertrand Russell estava completamente só quando denunciou "o massacre mais horrível e mais sistemático desde o extermínio dos judeus pelos nazis". A hierarquia católica, a antiga autoridade mandatária e as instâncias internacionais não tiveram mais nada a dizer sobre o caso a não ser condenar o terrorismo dos Inyenzi. O terrorismo dos oprimidos e acossados, um cenário demasiado familiar e actual. Foi no início dos anos 60, com a subida dos hutus ao poder que surgiu o termo "Inyenzi" (barata), uma forma de desumanizar aqueles que se quer exterminar, como Hitler fez aos judeus, como Putin faz aos ucranianos, para conseguirem o apoio da população em geral. Apesar da discriminação e do sistema de quotas no ensino, Mukasonga e alguns dos seus irmãos ainda conseguiram estudar. A temporada passada num colégio de freiras entre 1968 e 1971 comprova o espírito de resistente que sempre a caracterizou. Nós, as tútsis, ficávamos despertas. Esperávamos que todas as nossas colegas dormissem profundamente, que já não houvesse ninguém a ir à casa de banho, que as freiras estivessem definitivamente recolhidas. (...) Muitas vezes, estudávamos ali as lições e fazíamos os trabalhos de casa até de madrugada. Tudo o que aprendi em Notre-Dame-de-Citeaux, aprendi nas casas de banho. Foi em 1973, quando já estudava na escola de assistentes sociais, que o cerco se apertou em torno dos tútsis e os pais de Mukasonga decidiram pôr dois dos filhos mais velhos, os mais instruídos, a salvo no Burundi. Tínhamos sido escolhidos para sobreviver. Depois de se formar, trabalhou em vários programas da Unicef, casou-se com um francês, teve dois filhos e encontrava-se em França quando se deu o último acto da limpeza étnica, em 1994. Da morte dos meus, tenho apenas buracos negros e fragmentos de horror. O que mais faz sofrer? Ignorar como foram mortos ou saber como os mataram? É aqui que o relato desta guardiã da memória familiar fica realmente pungente, já que, aos poucos, ficou a saber como morreram ou escaparam todos os seus entes queridos, e que se torna quase sufocante na linha temporal de 2004, quando finalmente ganha coragem para regressar ao "país dos mortos", para visitar as ossadas reunidas na cripta escavada por baixo da igreja de Nyamata e voltar à casa dos pais, totalmente em ruínas e invadida pelo mato, onde se cruza com antigos vizinhos, pois tal como noutros pontos do mundo, devido à política de reconciliação, carrascos e sobreviventes têm de continuar a coexistir. Estou sozinha numa terra estrangeira onde já ninguém me espera. Fecho os olhos e às recordações sobrepõem-se as coisas desaparecidas. Inyenzi ou as Baratas, de Scholastique Mukasonga, Livros do Brasil, Setembro de 2024, tradução de Maria de Fátima Carmo Mais críticas literárias Voltar Page 6 O passado chega, o futuro, o passado, o futuro. É sempre agora, nunca é agora. Este seria um livro que, em princípio não me puxaria, já que não tenho praticamente interesse pelo espaço. Não vi os clássicos baseados na obra de Arthur C. Clarke ("2001-Odisseia no Espaço", "2010-Ano do Contacto") nem sequer a mítica série televisiva de Carl Sagan, "Cosmos". Fascina-me, no entanto, um céu estrelado longe das luzes artificiais das cidades e também a estranheza de viver fechado dentro de uma nave, de que tive um vislumbre na exposição "Cosmos Discovery" em 2017. Numa missão de nove meses, há um total de aproximadamente quinhentas e quarenta horas de exercícios matinais. [...] Quinhentas e quarenta vezes de ter de engolir pasta de dentes. Trinta e seis trocas de t-shirt, cento e trinta e cinco mudanças de roupa interior (roupa interior lavada todos os dias é um luxo a que não se podem dar), cinquenta e quatro pares de meias limpas. Foi esse fascínio e essa curiosidade que satisfiz com "Orbital", o improvável vencedor do Booker Prize de 2024 face aos grandes preferidos: "Os Meus Amigos" de Hisham Matar e "James" de Percival Everett. No fundo, não é um livro sobre o espaço, mas uma belíssima e singular meditação sobre a periclitante vida no Planeta Azul mas vista de fora, na perspectiva privilegiada da Estação Espacial Internacional, ao longo de um único dia de órbita em torno do globo, em que esta "família flutuante", constituída por quatro astronautas e dois cosmonautas, assistirá 16 vezes ao nascer e ao pôr-do-sol. Olham para baixo e compreendem o porquê de lhe chamarem Terra-Mãe. Todos o sentem de vez em quando. Todos fazem uma associação entre a Terra e mãe, o que, por sua vez, os leva a sentir-se crianças. No balançar andrógino de rostos escanhoados, com os calções regulamentares, a comida de colher, o sumo bebido por palhinhas, as bandeirinhas de aniversário, as madrugadas, a inocência forçada de dias diligentes, todos têm, lá em cima, momentos de uma aniquilação repentina dos seus eus de astronautas e de uma sensação poderosa de infância e pequenez. É neste contraste entre a insignificância dos humanos e a vastidão do universo que "Orbital" se torna um romance existencialista... Há pessoas assim (gosta ele de dizer), que complicam as vidas interiores por sentirem demasiado ao mesmo tempo, por viverem em nós, e que por isso precisam que o que lhes é extrínseco seja simples. Uma casa, campo, algumas ovelhas, por exemplo. E há quem consiga de alguma maneira, por algum milagre de ser, simplificar a vida interior de forma que as coisas que lhe são extrínsecas possam ser ambiciosas e ilimitadas. Essas pessoas são capazes de trocar uma casa por uma nave espacial, um campo por um Universo. ...onde impera a contemplação das diferentes paisagens sobrevoadas, sem descurar a componente ambientalista... Quem será capaz de olhar para o ataque neurótico do homem ao planeta e achá-lo bonito? A soberba do homem. Uma soberba tão poderosa que só a estupidez a pode emular. E aquelas naves fálicas lançadas para o espaço são seguramente as mais soberbas de todas, os tótemes de uma espécie que o amor-próprio ensandeceu. Esta posição vantajosa, em que o planeta é visto como um todo, serve também para questionar as divisões que separam os povos, tanto na Terra... Uma sensação de amizade e paz prevalece, uma vez que mesmo à noite só há uma fronteira feita pelo homem no mundo inteiro, um longo rasto de luzes entre o Paquistão e a Índia. É a única amostra que a civilização tem para lhes dar das suas divisões e, durante o dia, até isso desaparece. ...como quatrocentos quilómetros acima dela. APENAS COSMONAUTAS RUSSOS, diz na porta da casa de banho russa. Da mesma forma, na porta da casa de banho norte-americana, APENAS ASTRONAUTAS AMERICANOS, EUROPEUS E JAPONESES. Devido às disputas políticas atuais, use a sua própria casa de banho nacional. O facto de "Orbital" ter sido classificado como ficção científica pode afastar alguns leitores mas também desiludir outros, pois decorre nos dias de hoje, pouco mais de 50 anos depois da primeira alunagem, como se refere a dada altura, em que o momento mais futurista é a passagem de uma nova missão à lua e a referência a planos de chegar a Marte e povoar esse planeta caso destruamos a Terra de vez. O passado, porém, está também em destaque quando Samantha Harvey refere o momento histórico vivido pelo cosmonauta Sergei Krikalev em Dezembro de 1991, aquando do desmembramento da URSS, muito significativo para uma leitura mais profunda desta elegante composição. O homem [...] que, antes disso, foi enviado para o espaço pela URSS e esteve em órbita na Mir durante quase mais seis meses do que o planeado, porque, enquanto lá estava, a URSS deixou de existir e ele não podia voltar para casa. Orbital, de Samantha Harvey, Particular Editora, Fevereiro de 2025, tradução de Nuno Carvalho Mais críticas literárias Voltar Page 7 Compreenderá, tenho a certeza, porque todas as mulheres escondem um caderno negro, proibido. E todas têm de o destruir. Agora pergunto a mim própria em que terei sido mais sincera, se nestas páginas ou nas acções que pratiquei. "O Caderno Proibido", escrito em 1952 pela italo-cubana Alba de Céspedes, é um pedaço de literatura introspectiva e muito realista, fruto do seu tempo, que poderá agradar a muitos leitores, mas pressinto que ecoará de uma forma mais retumbante em mulheres com uma idade e uma vida semelhantes a esta protagonista, divididas entre o emprego, a organização da casa, o marido, os filhos e a sua própria individualidade. Alba de Céspedes foi uma escritora arrojada que, em 1939, se estreou com um livro que causou escândalo e não escapou à comissão de censura, que lhe retirou o prémio que ganhara com "Ninguém Volta Atrás", a história de oito raparigas cuja autodeterminação não se coadunava com o retrato da boa dona de casa do fascismo. Dezassete vezes haveria de ser chamada à dita comissão, a quem respondeu sempre um lacónico "não" quando lhe perguntavam se não se envergonhava do que escrevia. "Caderno Proibido" não tem nada de vergonhoso nem de escandaloso pelos padrões actuais, mas ganha desde logo essa carga negativa, primeiro, porque foi comprado impensadamente num quiosque ao domingo, quando estava vedada a venda de artigos de papelaria e, depois, em chegando a casa, Valeria, uma mãe de família de 43 anos, sente a pressão de o esconder... Afinal não tinha, em toda a casa, uma gaveta, um cantinho que fosse meu. ...porque, neste seu primeiro lampejo woolfiano, não tem como justificar a necessidade de deitar para o papel os seus pensamentos e os acontecimentos do dia e, ainda para mais, mantê-los privados. Mas tenho 43 anos e parece-me vergonhoso recorrer a pueris subterfúgios para escrever num caderno. Assim, é absolutamente necessário que confesse a Michele e aos pequenos a existência deste diário e afirme o meu direito de me fechar num quarto a escrever sempre que me apeteça. Há, desde logo, a culpa incutida às mulheres de que, quando estão a fazer algo por si mesmas, estão a ser egoístas, a roubar tempo à família e aos seus deveres domésticos... Há uma coisa que me impede de confessar que escrevo: é o remorso de perder tanto tempo a escrever. Muitas vezes lamento-me de ter muito que fazer, de ser escrava da família e da casa, de nunca ter a possibilidade de ler um livro, por exemplo. Tudo isto é verdade, mas em certo sentido esta escravidão tornou-se também a minha força, a auréola do meu martírio. ...e isso martiriza muito a protagonista, uma mulher educada à antiga, proveniente de uma família aristocrática caída em decadência, para quem trabalhar fora de casa ainda é uma indignidade. Valeria, que já se sente velha mas tem uma enorme ânsia de provar que ainda é uma mulher desejável e vibrante, vive entalada entre uma geração retrógrada do pré-guerra e outra que procura um corte a nível social e moral. Ainda me lembro do dia em que anunciei a minha mãe que ia começar a trabalhar. Fitou-me demoradamente, em silêncio, antes de baixar os olhos; só por causa daquele olhar senti sempre o meu trabalho pesar sobre mim como uma culpa. Bem sei que Mirella não aprova o meu sentimento: decerto até o despreza e pretende fazer uma revolução contra mim, com a sua maneira de ser. Não compreende que fui exactamente eu que a tornei livre, eu com a minha vida dividida entre velhas tradições tranquilizadoras e o imperativo de exigências novas. Sou a ponte de que se aproveitou, como os jovens se aproveitam de tudo: cruelmente, sem sequer se darem conta do que estão a receber. Embora abarque um período de apenas seis meses, de Novembro de 1950 a Maio de 1951, este diário é, mais do que um desabafo, um percurso de autodescoberta e também uma reflexão sobre o casamento... Agora começo a perguntar o que significa para mim a palavra "amor" referida a Michele e a que sentimentos pretendo aludir ao dizer "Amo o meu marido." Sinto-me angustiada. Era melhor deixar de escrever porque receio que o cansaço me impeça de ser objectiva. Às vezes imagino que há já muitos anos que não amo Michele e que continuo a repetir esta frase por hábito. ...em que nem sempre se simpatiza com Valeria, que amiúde parece mesquinha, invejosa, preconceituosa e injusta com os filhos, protegendo Riccardo e condenando Mirella. Nunca compreendi Mirella embora compreenda sempre Ricardo. Às vezes penso que, se não fosse minha filha, me seria difícil gostar dela. (...) Eu nunca pensaria em ser advogada: estudava Literatura, Música, História da Arte. Só me ensinavam o que era belo e doce na vida. Mirella estuda Medicina Legal. Sabe tudo. Os livros foram para mim uma fraqueza que tive de vencer pouco a pouco, com os anos: a ela, pelo contrário, dão-lhe aquela impiedosa força que nos separa. O Caderno Proibido, de Alba de Céspedes, Alfaguara, Maio de 2024, tradução de Ana Cláudia Santos Mais críticas literárias Voltar Page 8 Só que o mundo hoje não passa de uma enorme caixa de ressonância. Milhões de pessoas que falam para milhões de pessoas que falam para milhões de pessoas. O ruído sobrepõe-se a tudo, à História e à verdade e aos nossos sonhos mais profundos, e as vozes que o compõem são, quase sempre, indistinguíveis. Sou fã de David Machado tanto quando tem por alvo o público adulto como quando escreve para os mais novos. É um autor realmente talentoso e original que cria enredos cativantes e personagens convincentes, como pude novamente verificar com "Os Dias do Ruído", um livro extremamente actual e ousado que só fraquejou na terceira parte, quando Machado parece ter perdido o arrojo em detrimento de um final quase, quase feliz. A primeira ousadia é a de escrever do ponto de vista de uma mulher, tão consciente dessa decisão que até aborda a questão do género quase no início. A jornalista eslovena que nos últimos dias me acompanhou diz, como se me elogiasse: - O seu livro não parece ter sido escrito por uma mulher. (...) Duas questões que, uma vez respondidas, talvez solucionem alguma coisa: 1)Como é que escreve uma mulher? 2)Eu quero escrever como uma mulher? Se os homens escrevem de forma distinta e distinguível das mulheres, não sei, mas que David Machado se sai muito bem a pensar como uma mulher é o maior elogio que posso fazer-lhe. No dicionário, a definição de "herói" é: pessoa de grande coragem ou autor de grandes feitos. Por outro lado, uma "heroína" vem definida como: mulher de coragem, de sentimentos ou virtudes excepcionais. A coragem parece ser um atributo universal. Mas depois é como se uma mulher não precisasse de fazer nada para além de sentir as coisas certas. Laura é uma fotojornalista com experiência em cenários de guerra que matou um homem prestes a perpetrar um ataque terrorista num café em Paris, atirando-a assim para as bocas do mundo. Na gritaria da caixa de comentários, sou feminista radical e descontrolada, fundamentalista anti-islão, inimiga das religiões, de Deus e da fé global, fascista frustrada, caçadora de emigrantes, racista inveterada, fanática da extrema-esquerda, psicopata neoliberal. Depois deste acto de autodefesa a ter catapultado para o estrelato, aquilo que mais almeja e alimenta, decide capitalizar a fama e escrever um livro que se torna um gigantesco êxito e a leva em digressão pelo mundo inteiro, em sessões de autógrafos, palestras e entrevistas. Querem saber quem sou, alcançar os meus pensamentos mais íntimos e ter a certeza de que estou do lado certo da História. Querem também não ter medo de mim. Eu dou-lhes todas as respostas, para não as perder, para que não deixem de me olhar, para poder continuar a caminhar sobre as águas. Mas há sarcasmo em quase tudo o que digo. Laura é uma autêntica badass. É corajosa, provocadora, desbocada, um pouco misantropa e narcisista... A dada altura [a terapeuta] troçou: - Estranho não é ter matado aquele homem, mas que isso não tenha acontecido antes. (...) Por vezes penso naquilo e passo em revista todos os homens com que me cruzei até ao Amar, em busca daquele que deveria ter matado e não matei. ...uma protagonista magnética para uma história que expõe toda a podridão das redes sociais e que se enche de adrenalina quando ela começa a receber ameaças de morte. Apesar de serem anónimas, Laura tem uma certeza inusitada: A minha argumentação é fraca e, embora, não o expresse, baseia-se numa necessidade íntima de que a pessoa que me quer matar seja uma mulher. O que quero dizer é isto: não há qualquer comoção na ideia gasta de ser ameaçada por um homem. Eu preciso que seja uma mulher para poder acreditar que a vida ainda esconde dimensões inesperadas, nada evidentes e complexas, que somos capazes de ultrapassar a dinâmica tão antiga e automatizada das relações de poder. A coação, no entanto, torna-se insuportável e Laura refugia-se no último sítio que lhe ocorreria, aquele que tanto ela como a irmã deixaram para trás há muitos anos: a inóspita casa do pai, um velho contrabandista de Peniche. Apesar da relação conflituosa com o pai e de a mãe estar doente e raramente a reconhecer, é nessa "fortaleza", nesse regresso às raízes que se sente finalmente em sossego, ainda que mais psicologicamente vulnerável. Não ter de fingir encontrar-me num patamar de inteligência superior é um alívio, quase uma conquista espiritual, mas também uma tragédia interior. Nesta casa – nesta cidade? – ninguém espera de mim uma oratória política e culturalmente consciente, carregada de eloquência. Lá fora, no mundo, também não, eu sei (se abordar o assunto como uma equação matemática). Mas parecer mais do que sou foi o que fiz a vida toda desde que saí daqui. Ao ponto de se tornar parte do que sou. Como não chorar essa ausência? Esta narrativa algo fragmentária e episódica, com temas polémicos explorados de forma transgressora, é um verdadeiro tour de force de David Machado que, no entanto, peca pela suavização do tom com a mudança de cenário. Mas o esquecimento não é possível nesta época em que tudo está registado e as máquinas decidem sozinhas quando está na hora de olharmos para o passado. Como é que podemos ser humanos sem nos esquecermos? Os Dias do Ruído, de David Machado, Dom Quixote, Setembro 2024 Mais críticas literárias Voltar Confira a nossa seleção de poemas que exemplificam belissimamente a poesia sobre liberdade e deixe-se encantar! A liberdade, sem dúvida, é um dos temas mais caros ao homem, seja antigo ou moderno. Conceitos como honra, dignidade, individualidade e muitos outros estão sempre condicionados à liberdade — ou ausência dela —, sendo este um tema com variadíssimas implicações filosóficas, jurídicas e morais. Na literatura, exemplos de poesia sobre liberdade não faltam seja para exaltá-la, seja para versar sobre sua importância fundamental, seja para queixar de sua falta ou violação. O que não deixa dúvida é que esse tema quase sempre é abordado com inspiração e verve, assim como todos os outros temas que possuem importância real em nossas vidas e, de alguma forma, tenham nos marcado. Dito isso, preparamos uma seleção com 5 exemplos de poesia sobre liberdade para que você possa apreciar a abordagem do tema por alguns grandes artistas. Boa leitura! Poesia sobre liberdade Mors liberatrix, de Antero de Quental (A Bulhão Pato) Na tua mão, sombrio cavaleiro, Cavaleiro vestido de armas pretas, Brilha uma espada feita de cometas, Que rasga a escuridão como um luzeiro.